



## Escritores sefarditas na Amazônia

Sephardic Writers in the Amazon

**Alessandra Conde da Silva\***

Universidade Federal do Pará | Belém, Brasil

afcs77@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo trata da escrita judaica na Amazônia. Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Leão Pacífico Esaguy e Paulo Jacob nasceram na Amazônia e, em suas obras, há registros da cultura judaica e da sua relação com a cultura amazônica. Desse modo, busca-se depreender em que consiste a inscrição judaica, tomando como análise: *Uma grande mancha de sol* e *Barracão*, de Sultana Levy Rosenblatt, *Um pedaço de lua caía na mata* e *Chuva branca*, de Paulo Jacob, *Contos amazonenses* e *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, de Leão Pacífico Esaguy, e *Cabelos de fogo* e *O cabalista*, de Marcos Serruya.

**Palavras-chave:** Escrita judaica; Amazônia; Judeus sefarditas.

**Abstract:** In this paper, we will talk about Jewish writing in the Amazon. Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Leão Pacífico Esaguy and Paulo Jacob were born in the Amazon, and in their works, there are clear records of Jewish culture and its relationship with Amazon's culture. Therefore, we seek to understand what this Jewish writing consists of, taking as reference the following literary works: *Uma grande mancha de sol* and *Barracão* by Sultana Levy Rosenblatt, *Um pedaço de lua caía na mata* and *Chuva branca* by Paul Jacob, *Contos amazonenses* and *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* by Leão Pacífico Esaguy and *Cabelos de fogo* e *O cabalista* by Marcos Serruya.

**Keyword:** Jewish writing; Amazon; Sephardic Jews.

### 1 O olhar dos novos descobridores

Após a expulsão da Península Ibérica, no século 15, muitos judeus sefarditas imigraram para o Marrocos, Bulgária, Sérvia, Turquia e Jerusalém. No Marrocos, permaneceram por mais de três séculos, em meio à pobreza e perseguições. No século 19, a Alliance Israelite Universelle, apoiada, financeiramente, pelo Barão Maurice de Hirsch cria escolas para os judeus dispersos, dando “assistência aos judeus vítimas do anti-semitismo”,<sup>1</sup> conduzindo muitos judeus à emigração:

---

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 55.



As escolas da Aliança Israelita Universal de Tetuan e Tânger tiveram papel importante na educação e preparação de judeus, retirando-os da pobreza e ignorância em que viviam no Marrocos e estimulando-os a emigrar para outros países que pudessem oferecer melhores oportunidades para viver e manter suas tradições judaicas.<sup>2</sup>

O Brasil tornou-se um dos países que recebeu os sefarditas. A região amazônica os acolheu, principalmente, as cidades interioranas do Pará e Amazonas e até mesmo em Iquitos, no Peru. Segundo Samuel Benchimol, em *Eretz Amazônia*,

judeu sempre foi, sociologicamente falando, padrão de terra boa, e onde ele vai com sua família e inicia o seu trabalho, a prosperidade chega. Quando ele sai é sinal de crise e depressão. Nos velhos tempos costumava-se dizer que, para uma vila ou povoado crescer e prosperar na Amazônia era preciso: um caboclo para fazer roça, um cearense para cortar seringa, um judeu para vender suprimentos e comprar produtos regionais, uma filial das Lojas A Pernambucana para vender tecidos e um padre para batizar, casar e enterrar. A navegação do exterior ajudou a trazer os judeus-marroquinos para a Amazônia e a navegação interior os levou para os confins da região, em busca de trabalho e da fortuna.<sup>3</sup>

A descrição de Benchimol define bem algumas das temáticas empregadas por escritores amazônidas, judeu sefardita de origem marroquina, isto é, o Brasil como terra de promessa, o judeu e a prosperidade da terra, o judeu comerciante e regatão, a Amazônia como bom lugar para viver a judeidade. De feição autobiográfica, *Eretz Amazônia* procura registrar alguns perfis dos judeus, em suas trajetórias pela Amazônia, como se vê manifesto, por exemplo, na ideia: “judeu sempre foi, sociologicamente falando, padrão de terra boa, e onde ele vai com sua família e inicia o seu trabalho, a prosperidade chega”.<sup>4</sup> Além disso, ele destaca, enfaticamente, uma nova imagem do judeu que buscou fugir da iconografia avarenta e perversa plasmada no imaginário: o judeu profissional liberal “como meio de vida e como instrumento de ascensão social”.<sup>5</sup> Em sua obra, ele elenca nomes de vários professores universitários de Manaus e de Belém de origem judaico-sefardita. Somam-se a esses temas, o antissemitismo, assim como o caso da prostituição feminina, que não foi calado nos textos dos escritores judeus, ainda que seja um capítulo vexatório e torpe da história judaica no Brasil.

<sup>2</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 56.

<sup>3</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 67-68.

<sup>4</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 67.

<sup>5</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 161.



Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Paulo Jacob e Leão Pacífico Esaguy são escritores judeus de origem sefardita, nascidos na Amazônia. De que falam esses escritores? Para Regina Igel, a temática judaica na literatura brasileira “é uma escrita dotada de identidade específica, circunscrita, sobretudo, às experiências de judeus em território brasileiro”.<sup>6</sup> De acordo com Bella Jozef, os escritores judeus brasileiros são “como novos descobridores, [que] enviaram suas cartas-relação, suas crônicas da nova terra que os recebia, exaltando-a, perplexos e cheios de esperança”.<sup>7</sup> Tudo depende do “olhar judaico”, da cultura, do passado, da memória do judeu, das escolhas que deve fazer, de como se vê e como olha tudo ao seu redor. Segundo Jozef,

desde que existem, os judeus desenvolveram um modo de ser, de existir e de escrever. O judaísmo é uma forma de vida. E para viver, a comunicação. A fala, elo que liga gerações. A escrita, parte integral de nossa civilização. Ambas conferem permanência ao conhecimento. Ler é existir. Existir é conhecer. Conhecimento para a vida. Orientação para a vida. Olhar.<sup>8</sup>

Escrevem esses escritores apenas sobre temas judaicos? Sultana Levy Rosenblatt, Leão Pacífico Esaguy e Paulo Jacob apresentam em seus textos temáticas variadas. Marcos Serruya é fiel ao tema judaico. Jozef afirma que “o escritor judeu produz uma escrita judaica embora não trate especificamente de temas judaicos”.<sup>9</sup> Igel apresenta mais um dado a este arrazoado.<sup>10</sup> Um tema será reconhecido como judaico, segundo Igel, quando “o conflito principal de uma obra estiver expressamente ligado ao judaísmo quanto à sua gênese e à vivência física, mental, espiritual e psicológica de quem escreve”. Se tais condições não forem atendidas, não será a ascendência judaica do escritor ou escritora, apenas, que lhe garantirá registro de seus textos nos temas judaicos.<sup>11</sup> Retornando aos apontamentos de Jozef, o escritor judeu lida com liberdade criativa sobre as culturas pelas quais transitou, quer a própria, quer a que a recebeu, ampliando e pondo sobre relevo o olhar de quem escreve:

Talvez qualquer judeu que escreva de algum modo sobre seu judaísmo e qualquer judeu que escreva esteja recriando valores que não são apenas judaicos. O que quero dizer é que toda recriação judaica será diferente da que a inspirou. Vejamos de

---

<sup>6</sup> IGEL, 1997, p. 1.

<sup>7</sup> JOZEF, 2009, p. 196.

<sup>8</sup> JOZEF, 2009, p. 196.

<sup>9</sup> JOZEF, 2009, p. 190.

<sup>10</sup> IGEL, 1997, p. 4.

<sup>11</sup> IGEL, 1997, p. 5.



que maneira temos força suficiente para incorporar e tornar próprios, dentro de uma identidade judaica clara e forte, elementos de fora que não possam diluir a identidade, mas que se tornem parte dela. Segundo o sociólogo americano Thorstein Veblen, os judeus atuam dentro da cultura ocidental e ao mesmo tempo não se sentem amarrados a ela, por isso sempre lhes será mais fácil inovar dentro dessa cultura.<sup>12</sup>

Os textos de Rosenblatt, Serruya, Jacob e Esaguy abordam temas judaicos, expressando perfis de judeus variados, ainda que Rosenblatt não construa romances cujo conflito principal transite em torno de questões judaicas, como se verá a seguir. Alternam-se, nesses textos, imagens decantadas e românticas do judeu desbravador e proeminente intelectual, na sociedade amazônica, com imagens de judeus perversos e usurários, pagãos e assassinos de Cristo. Há, é claro, escritores não judeus que abordam assuntos judaicos ou personagens judeus.

Abguar de Bastos, em *Terra de Icamiba* (1934) cedeu aos clichês antijudaicos: o personagem Bepe odeia o judeu regatão. Um tipo de “herói regional”, um defensor da Amazônia, ele olha com rancor e desconfiança para o estrangeiro, sobretudo, o regatão, que expropria a terra ou que se engana e defrauda o homem local.<sup>13</sup> Nesse romance, judeus marroquinos e holandeses logram desaprovação pelas suas nefastas e desonestas ações no comércio: “Percorrendo os povoados, os regatões são velhos reptis, mudados, por sinistros condões, em barcos errantes. Bepe odeia-os. Despreza, igualmente, os que desviam sementes, frutos, fibras e óleos, para o vazio das sacolas cosmopolitas”.<sup>14</sup> Se o judeu, em Bastos<sup>15</sup> é ladrão, Inglês de Sousa, em *O baile do judeu*,<sup>16</sup> descreve-o como um atrevido e “malvado judeu”, possível adorador de uma “cabeça de cavalo” e “inimigo da Igreja”,<sup>17</sup> perpetuando a imagem do judeu assassino de Cristo que a tradição literária e iconográfica desde a Idade Média ajudou a plasmar no imaginário antijudaico. Os escritores de origem sefardita seguem esse imaginário, enriquecendo-o com outras imagens.

## 2 Os escritores e seus parecidos

Sultana Levy Rosenblatt nasceu em Belém, em 1910, e faleceu em 2007, nos Estados Unidos. O sobrenome ela recebeu do marido Martin Rosenblatt, com quem teve três filhos. Descendente de uma tradicional família sefardita, era filha do renomado major Eliezer Levy. Na revista *Amazônia Judaica*, Igel afirma que

---

<sup>12</sup> JOZEF, 2009, p. 190.

<sup>13</sup> SOUSA, 2006, p. 22.

<sup>14</sup> BASTOS, 1934, p. 41.

<sup>15</sup> BASTOS, 1934, p. 58.

<sup>16</sup> SOUSA, 2004, p.103.

<sup>17</sup> SOUSA, 2004, p.103.



foi com Dona Sultana Levy Rosenblatt, paraense, judia descendente de marroquinos, conhecida como Dona Sussu, que passei a saber mais sobre os judeus na Amazônia, região onde nasceu, se criou, estudou, trabalhou e morou até casar-se com Martin Rosenblatt e mudar-se do Pará (mas que visitava com frequência). Ele, americano a serviço de seu país como meteorologista, ao procurar por um centro judaico em Belém, encontrou uma sinagoga, onde transcorria uma celebração. Nessa, Sultana, a moça que se tornou sua esposa dois anos depois, declamava poemas com temas sionistas. Casaram-se por volta de 1943 e se mudaram para Honduras, onde Martin recebeu outro posto. Seu sogro era Eliezer Levy, não só cofundador de uma das sinagogas em Belém do Pará, mas também governador da província do Amapá, mas também dono de um jornal sionista (*Kol Israel*) no qual aparecem as primeiras manifestações pró-Israel (então chamado 'Palestina') em língua portuguesa.<sup>18</sup>

Sultana Levy Rosenblatt deixou vários escritos. Há crônicas memorialísticas a respeito da história da sua família em terras amazônicas e sobre a presença dos judeus na história nacional, como se vê em *Como viemos morar na Amazônia* (2009) e em "Brasil, terra da promessa", texto presente em *Papéis* (1999). Nos dois textos, a autora apresenta seus familiares e irmãos judeus, coetâneos ou não, como aventureiros e desbravadores. Em *Como viemos morar na Amazônia*, ela comenta: "É que por esse tempo os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurarem nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos".<sup>19</sup> Em "Brasil, terra da promessa", a escritora trata dos "colonos que preferiam o encontro com a aventura, o jogo da sorte entre índios antropófagos e os perigos da selva, aos horrores das perseguições inquisitoriais".<sup>20</sup> O Brasil, mais precisamente, a Amazônia, é retratada como uma terra da promessa, um Eldorado que receberia com generosidade os dispersos advindos da Península Ibérica e depois do Marrocos e da Turquia: os sefarditas. Mas como a própria autora atestaria em *Antigamente era assim*, o antissemitismo a encontrou ainda criança. Ao descrever uma cena de escola, ela expressou a dura realidade pela qual passaram os judeus na Amazônia: "Logo na primeira aula a professora escreveu no quadro negro – Passem para o masculino as

---

<sup>18</sup> IGEL, 2017, p. 7.

<sup>19</sup> ROSENBLATT, 2009.

<sup>20</sup> ROSENBLATT, 1999, p. 160.



seguintes palavras: Sultana – Judia – Ladra – Galinha. Tomei um choque. Eu era Sultana e era judia, mas não era ladra de galinha. Mas fiz que não me apercebi”.<sup>21</sup>

A humilhação e a violência emocional seriam retomadas em *Uma grande mancha de sol*, romance que conta a história de Maria Angélica em sua trajetória intimista. Na meninice, Maria Angélica apaixonou-se por Álvaro Bension e, mesmo casada com outro Álvaro, trazia sempre à memória o vizinho judeu. A família Bension era alvo de ações antisemitas, sobretudo, as crianças Elias e Míriam. À pequena Míriam, irmã de Álvaro, sentenciam: “— Beijá Nosso Senhor. Olha como ele está todo ferido e com uma coroa de espinhos. — De espinhos? — perguntava a criança aflita. — Quem botou? — Foi tu, teu pai, todos os judeus”,<sup>22</sup> disse Mariana, que trabalhava para a família de Maria Angélica, demonstrando todo o seu rancor contra o povo judeu. Cenas festivas da casa dos judeus são descritas, deixando vislumbrar o desprezo de Mariana e de Dona Santa, mãe de Maria Angélica. A oração em hebraico, dita à mesa, no *shabat*, faz rir às duas mulheres, que espreitam a casa judia. Se em *Uma grande mancha de sol* há uma família de judeus, em *Barracão* (1963) não há amplas referências à cultura judaica. A julgar pelo sobrenome do protagonista, um outro Álvaro, não mais Bension, como em *Uma grande mancha de sol*, mas Bentes, poderia tratar-se de algum descendente de judeu. Álvaro Bentes era filho do coronel Amado Bentes. Benchimol<sup>23</sup> afirma que em cemitérios israelitas havia referência a vários judeus com sobrenome Bentes. Álvaro, herdeiro disposto a vender as terras do Jananaira, vê-se preso à vida no “barracão sobre a água”,<sup>24</sup> o que o leva a desistir de sua vida na cidade, da faculdade, da noiva, e de Jóia, a professorinha do Jananaira. Mas é seu Jacob, morador do Furo Grande, que recebe a tênue menção de ser um judeu marroquino:

Seu Jacob que morava no Furo Grande também veio com a esposa e oito filhos, de várias idades, inclusive um de colo, sem contar outro em vésperas de vir ao mundo. O homem estava felicíssimo; dizia, na sua pronúncia de caboclo com sotaque marroquino, cheio de *zz* e *ii*, que não sabia mais andar em rua; há dezessete anos vivia metido no furo.<sup>25</sup>

Jacob iria para Belém para “batizar [o filho] na religião dele”.<sup>26</sup> Não quis o destino que ele e sua família chegassem a Belém. A embarcação que os levava naufragou. Comentava-se na região que Jacob tinha feito fortuna: “disque vai comprar casa em Belém, pra mulher ficar lá e botar os meninos na escola; quem viu, panema que era,

<sup>21</sup> ROSENBLATT citado por COELHO, 2018, p. 41.

<sup>22</sup> ROSENBLATT, 1951, p. 78.

<sup>23</sup> BENCHIMOL, 2008, p. 250.

<sup>24</sup> ROSENBLATT, 1963, p. 86.

<sup>25</sup> ROSENBLATT, 1963, p. 204.

<sup>26</sup> ROSENBLATT, 1963, p. 204.



não levantava cabeça, só falava choramingando, agora 'stá de grande, j'até fala grosso''<sup>27</sup> Jacob representa o judeu que ganha a vida no interior e que procura migrar para a capital com a família, buscando manter e fortalecer os laços do judaísmo com a sua comunidade. A propósito de *Barracão*, Dalcídio Jurandir, no prefácio, comenta:

derrama-se por todo o livro uma ternura pelos humildes, um gosto, muito maternal, de ouvir o povo, querendo entender-lhe os anseios sofrimentos e alegrias. Ambientes, cenários, personagens, no romance, são construídos com muito conhecimento, com justeza e espontaneidade. A autora é bem paraense no descrever, no usar a linguagem, no “estoriar” sua terra e seus parceiros de lá. Os episódios passam-se em Belém e no interior do Pará onde o leitor toma contacto com aquelas águas grandes, mergulha naqueles matos, se embebe daquela solidão com os caboclos na cabeça do trapiche e os “gaiolas” varando as espessuras. “Barracão” reafirma os excelentes dons de ficcionista, o seu empenho em transmitir, com veracidade, através de uma experiência bem amadurecida, uma visão da Amazônia ali meio ou toda abandonada, ainda no seu primeiro dia de criação, onde tanto se espera. Sultana nunca está ausente da beira do seu rio que corre, de maré cheia, ao longo deste romance.<sup>28</sup>

A descrição apropriada da terra e dos “parceiros” de Rosenblatt faz com que o leitor reconheça as peculiaridades da região e de suas gentes. Uma parte da história judaica na Amazônia é vista nos fragmentos narrativos destinados ao judeu Jacob e sua família. A escritora compôs personagens judeus que refletem a história do seu próprio povo, imigrantes em terras amazônicas. Não são eles os personagens principais, mas a história, a cultura judaica, está ali, no rio, nas matas, na capital, incorporada à vida amazônica. Segundo Igel, nos textos da autora “aparecem muitas cenas da vida judaica na sua cidade e na sua casa”.<sup>29</sup>

Marcos Serruya, nascido em Belém, de origem judaico-sefardita, é o menos conhecido dos escritores aqui elencados. Ele escreveu o romance *Cabelos de fogo* (2010). Neste, narra-se a triste história da judia Hana, obrigada a prostituir-se em terras amazônicas. É na narrativa de encaixe que o leitor toma conhecimento da trajetória do bisneto de Hana, ou Ana Júlia, que busca a sua *teshuvá*, o seu retorno à religião judaica. *Cabelos de fogo* recebeu, explicitamente, influência do romance *O ciclo das águas* (1977), de Moacyr Scliar, como o próprio Serruya afirma:

<sup>27</sup> ROSENBLATT, 1963, p. 204.

<sup>28</sup> ROSENBLATT, 1963, p. 08.

<sup>29</sup> IGEL, 2017, p. 8.



Só foi possível escrever este relato romanceado porque também existem os que tiveram coragem para desnudar os quadros encobertos pelos véus do tempo e do temor. E dentre estes incluímos os escritores que nos antecederam neste tema e que citamos na bibliografia.<sup>30</sup>

A história de Hana assemelha-se, pelo tema, à trajetória de Esther, de *O ciclo das águas*. Historicamente, a prostituição de mulheres judias, as chamadas polacas, foi um episódio torpe na história da imigração judaica no Brasil, que enganadas, muitas vezes, por falsos maridos, verdadeiros cafetões, alijaram-nas de viver a sua condição judaica, junto às comunidades tradicionais. Muitas vezes, como afirma Nachman Falbel, o caso dessas mulheres e dos cafetões fez crescer o sentimento antijudaico em território nacional.<sup>31</sup> O narrador de *Cabelos de fogo* é veemente em condenar tanto o escamoteamento ou negação da história da prostituição de mulheres judias, quanto da prática dos rufiões, também judeus:

Ao contrário da opinião de muitos, cremos que é necessário contar essas histórias; perpetuar essas memórias e aprender com elas para que nunca mais o ser humano tenha a ideia de abusar de seus semelhantes e – pior ainda – aproveitar-se de irmãos de origem, cujo único pecado residia no fato de serem pobres.<sup>32</sup>

Alicerçado na comunidade judaica paraense, o protagonista de *O cabalista* (2008) realiza uma peregrinação espiritual para desvendar os mistérios da Cabala, da escolha entre o *Ietser Hatôv* (“inclinação para o bem, o justo, o correto, a misericórdia, a união e tudo o que a Lei Divina recomenda”) e o *Ietser Hará* (“inclinação para o mal, o egoísmo, a discórdia, os vícios, etc. Quer dizer: tudo o que a Lei Divina nos proíbe”).<sup>33</sup> Nesse percurso, aspectos da cultura religiosa judaica são apresentados ao e conceituados. Serruya tem a preocupação em explicitar o significado de várias palavras em hebraico ou de termos cabalísticos para o leitor, prática já presente em *Cabelos de fogo*. Há, ainda, referência a alguns contatos entre o judaísmo e outras religiões. O protagonista diz ter sido instruído por relatos de outras religiões: “Aquelas conversas despertaram o meu interesse pelas coisas espirituais”.<sup>34</sup> Um espírito de luz orienta José Nino a conduzir o amigo judeu ao estudo da Cabala e assim começa o seu percurso místico: “Aliás, segundo a voz, em uma vida passada

---

<sup>30</sup> SERRUYA, 2010, p. 110.

<sup>31</sup> FALBEL, 2008, p. 330.

<sup>32</sup> SERRUYA, 2010, p. 124.

<sup>33</sup> SERRUYA, 2008, p. 31.

<sup>34</sup> SERRUYA, 2008, p. 15.



“você esteve ligado à corrente cabalística” – diz José Nino.<sup>35</sup> A cultura religiosa judaica prevalece nesse romance, mas ela é alavancada por uma entidade de outra religião.

Paulo Jacob, descendente de judeus sefarditas, nascido em Belém, mas registrado em Manaus, em *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), atesta o contato entre a cultura judaica e a amazônica e a luta de Salomão para ganhar a vida em uma terra inóspita. Na trama, o leitor conhecerá a família de Salomão Farah, formada por sua esposa Sara e seus filhos Jacó e Raquel, moradores da cidade de Parintins. Nesse romance, Salomão luta para manter as tradições culturais judaicas. Em certo momento, o filho quer deixar a crença, por sofrer muita “malineza dos colegas”.<sup>36</sup> Mas, ante a insistência do filho, Salomão consola-o:

- Não diga isso, filho. Judeu é o povo eleito de Deus.
- Mas sofre muito. Não tem sossego.
- Tudo isso é Deus quem faz, querendo saber se merece o perdão.
- E saindo sem a vontade de ninguém, o que acontece?
- Não pode abandonar a Torá, filho.<sup>37</sup>

No barco Jerusalém, Salomão singra pelos rios amazônicos, fazendo comércio, sustentando a família, ganhando o respeito da comunidade de Parintins. Torna-se “tesoureiro do festejo da Santa”.<sup>38</sup> É amigo de Padre André e participante das doações à Igreja Católica. Faz do filho Jacó, um doutor. Sofre pela separação da cunhantã Janoca, amor de mocidade, amor para a vida toda, guardado no pensamento: “Salomão amou, chorou saudades. [...] Janoca, o amor do judeu. Sara, a mulher necessária”.<sup>39</sup> Na história de Salomão e de sua família, vê-se a história de muitos judeus regatões, sobre seus embates culturais e sobre suas lutas travadas na floresta amazônica. No romance, *Chuva branca* (1981), o judeu Salomão, o mesmo de *Um pedaço de lua caía na mata*, é descrito como ladrão e desonesto. Junto aos caboclos, os judeus constroem uma história peculiar, de trabalho, de sofrimento, de conquistas, e deles foram, como de quaisquer outras pessoas, feitas imagens boas e más. O imaginário amazônica sobre o judeu também contribuiu para uma prática antijudaica. Luís Chato o odeia e sentencia: “Aquele sacana do Salomão comeu meu dinheiro, mentindo. Vendeu como ouro. [...] Tive vontade de quebrar a cara do puto judeu, esculhambei a valer, disse o que deu na cabeça”.<sup>40</sup> Assim como os judeus, caboclos, nordestinos, portugueses, italianos, turcos e sírios, como se vê em *Vila rica das Queimadas*, de Paulo Jacob (1976), estão presentes na formação das comunidades

---

<sup>35</sup> SERRUYA, 2008, p. 16.

<sup>36</sup> JACOB, 1990, p. 23.

<sup>37</sup> JACOB, 1990, p. 35.

<sup>38</sup> JACOB, 1990, p. 27.

<sup>39</sup> JACOB, 1990, p. 25-26.

<sup>40</sup> JACOB, 1976, p. 126.



amazônicas, do povo amazônico: “Nordestino da seca, sírio, libanês, coronel da seringa, tomou posse das terras. Juntou povoado, alastrou gente, tomou posse das terras”.<sup>41</sup> O judeu deu a sua contribuição e o escritor descendente das sefarditas sabe bem disso.

Leão Pacífico Esaguy, “um simples engatinhador nas letras pátrias”, como atesta sobre si mesmo,<sup>42</sup> seguiu os demais autores. Nascido em Itacoatiara, no Amazonas, oriundo de família judaico-sefardita, em *Contos amazonenses* (1981), apresenta duas narrativas que revelam imagens sobre os judeus, comuns no imaginário amazônico. Em “Satã, o felino maldito”, o narrador personagem, o “compadre Leão”<sup>43</sup> é um judeu criado em Lisboa, até os quinze anos. Amador da natureza, da floresta, dizia-se que deveria ter nascido índio, tal o gosto de percorrer pelas matas, em busca de aventuras e na demanda do desconhecido:

A mata, em si, era um mistério cujos segredos em vislumbra, antevia, e, no mesmo passo, antegozava o esplendor das fantásticas paisagens que tinham o privilégio de imprimir-me na mente sentimento que me transportava até o infinito – até o desconhecido.<sup>44</sup>

Ao lado de Daniel, companheiro de caçada, sai em busca de uma onça, animal gigantesco, chamado de Satã: “Aquele onça era já uma sombra assustadora na mente de todos os habitantes daquela localidade.”<sup>45</sup> Ao acharem Satã, tendo Daniel caído do topo de umas pedras, coube ao personagem Leão abater o animal, não sem antes voltar-se para socorrer o companheiro, após momento de apatia e indecisão. O caçador experiente esbraveja com veemência: “Vá em frente seu judeu desgraçado!”<sup>46</sup> Essa primeira menção à religião do personagem surge de modo rude e maledicente. Daniel quer agredir, tirar Leão do torpor. Para isso, utiliza a imagem do judeu desgraçado, nefasto, figura desprezível no imaginário popular. O narrador diz que aquelas palavras lhe tocaram fundo, impulsionaram-no a ir contra o animal. Mas antes de desferir o tiro contra o felino recitou o *Shemá Israel*, o que lhe deu coragem e ousadia: “Ouve, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único. Bendito seja o nome da glória de seu Reino para toda a eternidade”.<sup>47</sup> Segundo Felipe Menezes,<sup>48</sup> “recitado em português, o narrador confirma a assimilação de traços de uma cultura brasileira amazônica, sem deixar a sua origem, mas adaptando-a a uma nova

---

<sup>41</sup> JACOB, 1976, p. 8.

<sup>42</sup> ESAGUY, 1999, p. 19.

<sup>43</sup> ESAGUY, 1981, p. 24.

<sup>44</sup> ESAGUY, 1981, p. 14.

<sup>45</sup> ESAGUY, 1981, p. 23.

<sup>46</sup> ESAGUY, 1981, p. 38.

<sup>47</sup> ESAGUY, 1981, p. 38.

<sup>48</sup> MENEZES, 2011, p. 3.



vivência”. No entanto, se a imagem do “judeu desgraçado” foi o epíteto para injuriar um caçador em vias de perder a presa, na tentativa de fazê-lo reagir ao temor e à inércia, o ultraje é trocado por uma louvação à sua conquista: “Você matou! Você matou! Você conseguiu! Você é macho mesmo!”<sup>49</sup> – Disse Daniel. Na relação entre os companheiros de caçada, a referência ao judaísmo do personagem é utilizada para insultar e agredir. No conto, “Os fantasmas da comadre Maroquinha”, Esaguy apresenta um personagem chamado Chunito, dono de embarcação. Esse nome faz lembrar do Chunito, último judeu de Itacoatiara, segundo Esaguy, a quem dedicara o romance *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* (1999). Henrique Veltman comenta que

“Terra que não tem judeu, acaba”, sentencia Chunito. É o apelido de Rubens José Ezague, 74 anos, o último judeu de Itacoatiara. Em 1980, ele deixou a cidade, transferindo-se para Manaus. Vive e trabalha num bar típico do Amazonas, um barraco de madeira, onde se bebe cerveja, petica-se, joga-se dominó e aceitam-se apostas do jogo do bicho. Chunito nasceu em Itacoatiara em 1909.<sup>50</sup>

O narrador de “Os fantasmas da comadre Maroquinha” tece considerações a propósito dos negociantes judeus, ainda que a narrativa não apresente um personagem judeu propriamente dito e a história seja sobre a sensual e interessante, D. Maroquinha que “era boa em tudo”.<sup>51</sup> Segundo o narrador, Itacoatiara, “fora rica e movimentada enquanto lá demoraram os negociantes judeus. Depois, o enriquecimento fê-los tornar à pátria de origem e Itacoatiara conheceu o marasmo de uma decadência que perdurou por muitos e muitos anos”.<sup>52</sup> O motivo da decadência da cidade é retomado no prólogo de *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, anos depois da publicação de *Contos amazonenses*: “Itacoatiara, sem os comerciantes judeus, queiram ou não queiram, retroagiu. Apequenou-se. Durante muitos anos estagiou na plenitude de sua pouquidade”.<sup>53</sup> O romance *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* narra a história de Jacob Benathar, filho de tangerinos, que aos doze anos veio para o Brasil com o tio. Na Amazônia, ganhou a vida como um regatão a percorrer os rios amazônicos “por aqui e por acolá”.<sup>54</sup> Esaguy afirma, no prólogo:

A Rubem José Esaguy, o Chunito, último judeu de Itacoatiara, amazonas, a minha humilde homenagem. Foi ele, sem dúvida,

---

<sup>49</sup> ESAGUY, 1981, p. 39.

<sup>50</sup> VELTMAN, 2005, p. 57.

<sup>51</sup> ESAGUY, 1981, p. 51.

<sup>52</sup> ESAGUY, 1981, p. 48.

<sup>53</sup> ESAGUY, 1999, p. 11.

<sup>54</sup> ESAGUY, 1999, p. 11.



o inspirador desta minha história. Trabalhador, honesto, ingênuo e generoso, morreu na miséria porque nunca deu valor a nada. Viveu para o jogo e para o amor. Do amor as caboclas bonitas da minha Terra que contém as aventuras.<sup>55</sup>

Tal qual o Chunito, Benathar era amador das índias, “compradas por bugigangas e das quais, cinco minutos depois, já se não lembrava”,<sup>56</sup> até que movido pela sedutora Maroquinha, toma-lhe como companheira. A recusa em casar-se é assim explicada:

— Eu nasci judeu e como judeu vou morrer. Não adianta renegar. É a alma da gente que é judia. Os séculos amalgamaram nela todo esse complexo de crenças, de fé, e de esperança que fazem da criatura um judeu. Em vão torturareis o seu corpo. O seu espírito e a sua mente permanecerão fiéis à inabalável convicção da fé no seu Deus, que é um Deus de bondade, de amor e de perdão. Pela minha própria natureza sou errante. Não gosto de parar muito tempo no mesmo lugar. O Amazonas, com o seu estirão imenso de rios, as suas matas incalculáveis, os seus mistérios ainda não desvendados, é o santuário da minha fé e da minha esperança. Há qualquer coisa de estranho nas profundezas dos rios, no inextricável da mataria, na pureza intocada da poesia que dela emana que me prende aqui com uma força irresistível e contra a qual não tenho ânimo de lutar. Mas ao mesmo tempo que reduz todos os meus sentimentos ao capricho de sua vontade, ela me inspira uma sensação incomensurável de liberdade, incoercível, irreprimível, que se instilou em meu espírito e mente, elementos intocáveis que forma hoje a minha personalidade.<sup>57</sup>

Há uma relação, como se vê, entre os mistérios da Amazônia, com seus rios e florestas irresistíveis e imponentes, e a liberdade que Jacob Benathar afirma buscar manter: errante por ser judeu, errante como o rio, errante na floresta. Nesses textos, veem-se registros da história dos imigrantes judeus, que, direta ou indiretamente, exerceram algum tipo de influência sobre os escritores de origem sefardita. Veltman afirma que a história da família de Salomão, do romance *Um pedaço de lua caía na mata*, é bem parecida com a história da Rosenblatt, conforme descrita em suas crônicas.<sup>58</sup> Ela mesma sofreu, quando criança, as atrocidades do antissemitismo. Segundo Wagner Lins, muitos dos textos da escritora “chegam a provocar inveja em

---

<sup>55</sup> ESAGUY, 1999, p. 11.

<sup>56</sup> ESAGUY, 1999, p. 28.

<sup>57</sup> ESAGUY, 1999, p. 29.

<sup>58</sup> VELTMAN, 2005, p. 47.



muitos etnólogos, tal a riqueza de detalhes com que os costumes e rituais judaicos foram descritos”.<sup>59</sup>

Como é possível perceber, Serruya não quis calar a história de seus irmãos ou irmãs, por mais torpes e indignas que sejam.<sup>60</sup> As pechas não foram motivo para esconder a história dos judeus que buscaram na Amazônia um lugar de repouso. Com Paulo Jacob não foi diferente, a cultura judaica é-lhe peculiar e está a refletir a sua própria história. Segundo a sua esposa Marilda Jacob, entrevistada por Arão Bentes, Jacob “era católico praticante, mas descendente de judeu, por isso conhecia todo o ritual do Santuário, as festas, as tradições, as datas importantes e ele pesquisava muito também”.<sup>61</sup> Em todos esses casos, há visões particularizadas sobre o ser judeu na Amazônia. Para Jozef, ser judeu “é viver e contar sua memória”,<sup>62</sup> o que procuraram fazer Rosenblatt, Jacob, Esaguy e Serruya. Tomaram de empréstimo imagens comuns ao imaginário sobre o ser judeu que a história e a literatura têm mostrado, reproduzindo

os gestos e os sons transmitidos pelas gerações, carrega[ndo] em si a continuidade: a revisão do passado constitui o resgate de um legado cultural. Sentir e ver o temporal e o atemporal, com fé inquebrantável no homem e no direito do espírito. Ver a existência em deslumbramento contínuo diante de uma paisagem nova.<sup>63</sup>

Não são escritores de renome que contam, muitas vezes, essas histórias. Alguns escritos são produções de imigrantes, “os pioneiros da escrita” de que fala Igel ou de seus descendentes que mostram domínio da língua portuguesa.<sup>64</sup> Nesse sentido, “é necessário examinar a escrita judaica no país como integrante do mundo literário e do imaginário brasileiro”.<sup>65</sup> Para Igel, no caso amazônico, Benchimol, Rosenblatt, Jacob, Esaguy e os irmãos Salgado escreveram, “expondo como foi o desenrolar da vida para os pioneiros nos labirintos hídricos da extensa floresta amazônica”.<sup>66</sup>

Há, ainda, os textos do judeu-sefardita Ilko Minev, escritor búlgaro, radicado na Amazônia. Ele escreveu os romances *Onde estão as flores?* (2014), *Na sombra do mundo*

---

<sup>59</sup> LINS, 2010, p. 27.

<sup>60</sup> SERRUYA, 2010, p. 124.

<sup>61</sup> BENTES, 2015, p. 119-120.

<sup>62</sup> JOZEF, 2009, p. 194.

<sup>63</sup> JOZEF, 2009, p. 194-195.

<sup>64</sup> IGEL, 1997, p. 7.

<sup>65</sup> IGEL, 1997, p. 7).

<sup>66</sup> Este artigo não apresentou comentários às obras de Elias e David Salgado, *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* e *História e memória: judeus e industrialização no Amazonas*, reservando-as para momento mais oportuno.



*perdido* (2018) e *A filha dos rios* (2015). A obra de Minev também não foi incluída neste artigo, ainda que ele conte a história de imigrantes judeus na Amazônia, fugidos do domínio nazista. Todos esses escritores, aqui citados, contaram, à sua maneira, as suas histórias e a de seus “pareceiros”, alinhavando destinos e trajetórias comuns “por aqui e por acolá”.<sup>67</sup>

## Referências

- BASTOS, Abgvar. *Terra de Icamiba: romance da Amazônia*. Rio de Janeiro: Adersen Editores, 1934.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
- BENTES, Arão. *Chuva branca caía em chãos de Maíconã: a trilogia de Paulo Jacob*. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2015.
- COELHO, Marinilce Oliveira. A arte da lembrança: A literatura de Sultana Levy Rosenblatt na Amazônia. *Faces da história*, Assis-SP, v.5, n. 2, p. 31-46, jul.-dez., 2018.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *Contos amazonenses*. São Paulo: Edição do autor, 1981.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*. São Paulo: Edição do autor, 1999.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil*. Estudos e notas. São Paulo: Humanitas, 2008.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- IGEL, Regina. *Os igarapés literários da Amazônia*. *Amazônia judaica*. n. 10, p. 6-11, 2017.
- JACOB, Paulo. *Chuva branca*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1967.
- JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.
- JACOB, Paulo. *Vila rica de Queimadas*. Rio de Janeiro: Emebê, 1976.
- JOZEF, Bella. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H. (Org.). *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 189-197.
- LINS, Wagner. *A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Universidade de São Paulo, 2010.
- MENEZES, Filipe Amaral Rocha de. Um diabo na Amazônia: dois contos de Leão Pacífico Esaguy. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011. Disponível em:

---

<sup>67</sup> ESAGUY, 1999, p. 21.



<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1781>. Acesso em: 11 mar. 2020.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. *Morashá*. Set. 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acesso em: 05 out. 2018.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Barracão*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Uma grande mancha de sol*. Rio de Janeiro: Livraria – Editora da casa do estudante do Brasil, 1951.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de fogo*. Edição do Autor. Belém, 2010.

SERRUYA, Marcos. *O cabalista*. Gráfica Universitária. Belém, 2008.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUSA, Odenildo Queiroz de. *Abguar Bastos e “Terra de Icamiaba”, romance da Amazônia: uma educação para a brasilidade*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2016.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. Mar. 2005 – Disponível em: [http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os\\_Hebraicos\\_da\\_Amazonia.pdf](http://www.comiteisraelitadoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf). Acesso em: 27 nov. 2019.

-----

Recebido em: 12/03/2020.

Aprovado em: 12/04/2020.